

Cecily ou a missão do bibliotecário *

Cecily or the mission of the librarian

ANTÔNIO MIRANDA **

Baseando-se na peça de Tom Stoppard — «Travesties» — na qual a bibliotecária suíça Cecily secunda as (hipotéticas) pesquisas de Tristan Tzara, James Joyce e Lenine, disserta sobre a missão do bibliotecário como intermediário entre o acervo informacional e a sociedade necessitada dele para garantir a própria evolução.

James Joyce, Lenine e Tristan Tzara foram revolucionários e vanguardistas. O primeiro revolucionou a literatura inglesa com o lançamento de sua monumental obra «Ulysses», dando ao romance e à própria língua inglesa uma dimensão literária fora dos cânones e limitações de seu tempo. Pouco lido mas muito citado, Joyce é hoje considerado o criador da novelística contemporânea. Lenine dispensa apresentações, foi o criador do novo estado soviético, a quem coube levar à prática os ideais socialistas de Karl Marx. Sem discutir os desvios posteriores do stalinismo e a ossificação da doutrina marxista

* Escrito a partir de um discurso de improviso que o autor pronunciou nas cerimônias de graduação de Bacharéis de Biblioteconomia, nas Escolas de Biblioteconomia de São Carlos, Lorena e Florianópolis, em dezembro de 1978, na condição de Paraninfo ou de Patrono das turmas.

** Assessor de Planejamento Bibliotecário CAPES/MEC.

nos dias que vivemos, a Revolução Russa inaugurou uma nova era na vida do ser humano sobre o planeta e coube a Lenine a condução do povo soviético a uma experiência histórica extraordinária ao ensaiar um novo tipo de relacionamento social. Ele deixou vários livros ainda do maior interesse para a compreensão das idéias políticas contemporâneas.

Tristan Tzara é menos conhecido do grande público mas nem por isso menos importante. Agitador das idéias anárquicas e iconoclastas do «dadaísmo», pregou a destruição dos valores estéticos e beletristas de seu tempo. Nele estão as raízes do surrealismo e de toda a arte moderna contemporânea. A sua teorização anárquica e demolidora serviu para soterrar, com a Primeira Guerra Mundial, todos os valores românticos e rebuscados da Belle Époque corroendo a visão preciosista e decadentista da burguesia urbana do início do século.

Joyce, Lenine e Tzara viveram na Europa e pregaram as suas revoluções na literatura, na política e nas artes, na mesma época. Dizem até que os três gênios viveram como refugiados na neutra Zurique, na Suíça, durante a Primeira Guerra Mundial.

Houve algum contato entre eles? É difícil provar que sim. É possível que os três várias vezes tenham se cruzado nos mesmos logradouros públicos e em atividades culturais numa cidade que nunca foi das maiores da Europa e não o era no pacato início do século.

Na verdade, de comum, só tinham o desejo de renovar as estruturas de seu tempo. Os caminhos que escolheram nada tinham de semelhantes. Ao contrário, as posições eram definidamente antagônicas. Tudo indica que as concepções estéticas de Lenine pouco tinham de comum com as de Tzara, mas na Rússia de Lenine foi que as inovações poéticas de Maiakovsky primeiro puderam florescer até o seu soterramento pelo stalinismo. Foi também na Rússia de Lenine que surgiu o «construtivismo», inau-

gurando nas artes plásticas o geometrismo logo considerado reacionário e revisionista pelos bolchevistas preferindo o Estado a arte propagandística e de consumo fácil e dócil — o chamado «realismo soviético».

Embora Joyce e Tzara tivessem preocupações com a renovação da literatura européia, os caminhos que escolheram eram dissímeis e com propósitos antagônicos. Joyce, o irlandês, renovou a forma, introduziu o cinematografismo na exposição das idéias e das situações e usou a língua como um instrumento de invenção poética e lúdica. Mas conservou, da narrativa, seus elementos essenciais: as personagens, a trama psicológica, a ambientação, enquanto que Tzara arrasou com tudo, não deixou pedra sobre pedra, palavra sobre palavra. Pregou a destruição total da literatura, do teatro e das artes em geral para reconstruir tudo sem qualquer compromisso com o passado. Não deixou eloqüentes exemplos de sua criatividade. Deteve-se na formulação teórica de seu dadaísmo, o qual funcionou como um furacão e influenciou toda uma geração nova de artistas que viriam, depois, agrupar-se e reorganizar-se em movimentos como o surrealismo.

É pouco provável que Tzara e Joyce comungassem dos ideais revolucionários de Lenine. Embora ambos pregassem a destruição das velhas monarquias e das estruturas sociais de seu tempo, custa-nos acreditar que eles professassem idéias comunistas e marxistas. Ao contrário, estavam bem apegados a valores culturais burgueses e elitistas, antagônicos à dialética marxista e aos ideais do movimento proletário socialista. Se bem é certo, que os artistas vanguardistas alimentaram, depois, esperanças de renovação com a Revolução Russa que Lenine iria deflagrar em 1917, o desenvolvimento das idéias estéticas e literárias no país soviético pouco a pouco foi se distanciando dos ideais europeus, entrando numa linha conservadora e acadêmica da qual só recentemente começa a libertar-se.

Seja como for, Lenine, Tzara e Joyce conviveram, cada um em seu universo de ações e reflexões, naquela Zurique do início da Primeira Guerra Mundial.

Como na literatura tudo que é imaginável e concebível pelo artista ganha dimensões reais, Tom Stoppard, o dramaturgo inglês, imaginou um encontro entre os três revolucionários. Onde? Onde três homens cultos, pesquisadores inveterados, leitores ávidos poderiam encontrar-se senão na Biblioteca Pública? É aqui onde entra a figura do bibliotecário.

A peça de Stoppard intitula-se «Travesties» e teve a sua estréia mundial no Aldwych Theatre, de Londres, com a Royal Shakespeare Company, em 1974, e até hoje, que saibamos, não foi representada em português.

Tzara, Joyce e Lenine estão na sombria e vetusta biblioteca pública de Zurique. Cecily, a inquieta bibliotecária, detrás do balcão de empréstimo. Lenine buscava subsídios para a sua monumental obra 'O conceito dialético da História'; Joyce ruminava as idéias que, mais tarde, cristalizar-se-iam na sua imortal 'Ulysses'; Tzara, com tesouras afiadas e inteligência aguda, recorta versos de autores clássicos, disseca-os em palavras e sílabas, embalha-os no chapéu e os reorganiza em seqüências novas que nada guardam de sua lógica anterior, constituindo-se agora em um trava-línguas obscuro e desconcertante para os leitores viciados na linearidade lógico-discursiva da linguagem descritiva.

Cecily está consciente de sua função. Para ela, está clara a sua missão. Serve com zelo e interesse, com falsa modéstia e humildade, aos três gênios e pensará para si mesma: «eles dependem de mim, dependem de meu trabalho para chegar à própria realização». Ela é sem dúvida, o instrumento, o intermediário, o filtro entre os registros bibliográficos, entre o conhecimento acumulado nas estantes da biblioteca e aquelas mentes questionadoras e criadoras. Como ninguém pensa no vácuo de idéias, como

pensar é estabelecer analogias, como o conhecimento é cumulativo e se renova numa seqüência até certo ponto previsível, Cecily sabe da importância de seu trabalho para a consecução da obra daqueles três seres excepcionais da história da cultura humana. A informação que ela presta, os livros que ela empresta, a orientação que ela dá são necessários para a empresa intelectual dos três; é o fermento, a matéria prima, o ponto de partida para a obra que estão empreendendo...

E a visão que dela têm os leitores? Qual a imagem do bibliotecário na mente de um intelectual do início do século? Tzara tinha a dele, a partir de seu prisma dadaísta:

«— Deus do céu, não! Cecily até que é bonita, bem formada, mas as idéias dela sobre poesia são antiquadas e o seu conhecimento dos poetas, assim como de tudo o mais, é excêntrico, baseado na estrita ordem alfabética... Ela se desenvolve na seqüência das estantes. Já leu Allingham, Arnold, Belloc, Blake, os dois Brownings, Byron, assim por diante, até, penso eu, o G.»

Sendo Tzara um contestador, a visão da bibliotecária como um ser bitolado, apegado a normas alfabéticas acima da hierarquia dos valores próprios dos autores, é passível de entender-se. Ela organizava a cultura, a produção literária, de modo a ser preservada e consumida. Um intelectual mais equilibrado e tradicionalista como é o caso de Henry Wilfred Carr, outra personagem da peça, faz a defesa da bibliotecária, acusando o poeta por sua heresia:

«— Não é, por acaso, dever do bibliotecário distinguir entre verdadeira poesia e lixo literário?»

No original inglês, Carr faz o genial jogo de palavras entre «Belle-lettre» e «Belle-litter»...

É dever do bibliotecário distinguir entre a falsa e a verdadeira literatura? Ou deve ele, simplesmente, possuir o

falso e o verdadeiro, deixando ao leitor a tarefa de discernir entre um e outro? Seja como for, é tradição na biblioteconomia confiar ao bibliotecário a missão de selecionar, segundo critérios válidos, a coleção de sua biblioteca, dada a impossibilidade de adquirir tudo. Infelizmente, no Brasil, a tarefa maior da organização das bibliotecas, qual seja a da seleção e desenvolvimento do acervo, é tarefa marginal, extemporânea, raramente da alçada do bibliotecário... Os acervos, ao contrário, acumulam-se ao azar, à proporção que são doados ou comprados a partir de sugestões de professores e pessoas alheias, sem qualquer respeito a estudos de necessidades dos leitores, da comunidade, sem um plano de crescimento, sem objetivos e metas definidos, sem orientação e sem guia.

Pelo exposto, Cecily é uma bibliotecária de referência, colaborando com o leitor na busca bibliográfica, orientando-o na seleção de suas leituras, secundando-o na tarefa de pesquisa. Se o bibliotecário encarregado da seleção é uma «avis rara» na nossa prática biblioteconômica, o bibliotecário de referência praticamente é um desconhecido entre nós. São raras as bibliotecas brasileiras que contam com um bibliotecário experimentado, culto e consciente, conhecedor do acervo e interessado em assessorar o leitor na sua tarefa intelectual. No lugar do bibliotecário de seleção temos o mecanicista operador da aquisição; em vez de bibliotecário de referência, temos a obscura figura da funcionária detrás do balcão carimbando a ficha de empréstimo e aplicando multas nos leitores retardatários... como se reter o livro fosse um crime, enquanto que ninguém incrimina o bibliotecário que deixa o livro morrer na estante por falta de uso!

Cecily, ao contrário, está consciente de sua importância no processo de comunicação, sabe que seu trabalho é fundamental para o avanço da cultura. Ela **sabe** que, de alguma forma, por mais modesta que seja, ela é **coautora** da obra de Lenine, da tarefa de Joyce e da recolocação

ideológica de Tzara. A biblioteca é o laboratório das idéias, os livros o encontro entre estes autores e os seus antecessores.

E que dizer do relacionamento entre o bibliotecário e o seu público? O homem só ama aquilo que conhece. O bibliotecário que se esconde detrás das estantes e perde contato com o público não o entende, não sabe de suas necessidades, não tem condições de entendê-lo e amá-lo. «Leitor» para ele é uma abstração. Não é João que está fazendo supletivo, nem é Maria que sonha lendo Stendhal, tampouco é o Dr. Fritz que investiga o comportamento sexual das formigas. «Leitor» para o bibliotecário-detrás-do-balcão é uma figura amorfa, uma criação literária, de livro-de-texto, que se compreende no todo mas não se entende no particular. . . Mas, — ninguém duvida —, ele existe, cheira, tem modos grosseiros, é galante e até convida para sair depois do expediente. . .

Cecily (para Carr, o seu leitor): «Não creio que o senhor tenha o direito de dirigir-se a mim desta maneira em hora de trabalho na biblioteca. . . No entanto, como já estamos na hora de fechar a seção de referência para o almoço eu vou relevar a situação. Afinal, curiosidade intelectual não é tão freqüente assim, para que eu me dê ao luxo de desencorajá-la. Que tipo de livros está procurando?

Carr: — Todo e qualquer tipo.

Cecily: — Não existe limite no campo de seus interesses?

Carr: — Ao contrário, quisera eu ampliá-lo.

O diálogo de Stoppard vislumbra a linguagem do teatro do absurdo e como tal, por detrás de sua aparente incoerência, subjaz a verdade universal de nosso comportamento assistemático.

Cecily, a bibliotecária, intermediária entre o livro e o leitor, nem por isso deixa de ter, ela própria, as suas idéias e pontos de vista. Sendo também uma leitora (quantos de nossos bibliotecários vão além da leitura de livrinhos de textos enfadonhos, quantos podem orgulhar-se de ostentar uma cultura geral ao menos para não passar vexame no diálogo com o leitor?), Cecily define sua posição da seguinte maneira:

— A única razão e justificativa para a arte é a da crítica social. (...) Numa época em que as diferenças entre príncipe e plebeu eram vistas como coisa do outro mundo, Senhor Tzara, a arte foi, naturalmente, uma afirmação para o primeiro e um consolo para o segundo; mas estamos vivendo uma época em que a ordem social é vista como o processo de forças materiais na qual temos definidas novas responsabilidades, a responsabilidade maior de mudar a própria sociedade.

A discussão entre Cecily e Tzara é rica de sugestões sobre a função da arte na sociedade e sobre a missão do bibliotecário como elemento fundamental no processo de reforma da sociedade. Creio que o assunto bem merece a nossa atenção.

Se informação é energia que produz nova informação, nova energia e se informação é essencial para o aprimoramento do homem, e, através dele, da sociedade como um todo; e se o bibliotecário é um dos elementos, no processo de transferência da informação, então a responsabilidade do bibliotecário precisa ser melhor definida. Estamos conscientes (estamos?) de que informação é um direito humano, essencial para o desenvolvimento do indivíduo e do país.

Qual seria, neste processo de transferência da informação, a missão do bibliotecário ou como quer que o chamemos no futuro?

O filósofo espanhol Ortega Y Gasset, há quase 50 anos, tentou definir a função e a missão civilizadora do bibliotecário, com uma visão de futuro extraordinária. Numa época em que as bibliotecas eram fechadas, convencionais e conservadoras (quantas de nossas bibliotecas ainda são fechadas, convencionais e conservadoras?), Ortega Y Gasset vislumbrou o bibliotecário como um filtro entre a explosão bibliográfica (àquela época ainda insuspeitada) e o leitor. Anteviu o bibliotecário selecionando os textos, organizando coleções úteis segundo as necessidades de suas comunidades usuárias imediatas, interferindo no processo da produção de serviços de resumos, de bibliografias, índices e até de súmulas do conhecimento acumulado para facilitar a tarefa da pesquisa bibliográfica. Parece ter imaginado um bibliotecário erudito, culto, dominando línguas e terminologias especializadas, organizando a produção intelectual mediante o auxílio da catalogação, da classificação, dos **thesauri** e difundindo os textos através da orientação direta e de outros processos de fomento à leitura e à pesquisa. Diante de um universo de conhecimento que cresce na ordem booleana, como uma nuvem em expansão em todas as direções, provocando novas disciplinas e interdisciplinas, implantando o caos documentário e terminológico, o bibliotecário — na visão quase romântica de Ortega Y Gasset — cumpriria a sua missão de taxonomista e de ordenador dos conhecimentos como que para garantir a sua preservação e difusão.

Ortega Y Gasset não usou expressões tais como o caos documentário, **thesauri** ou revistas de resumos, que são posteriores ao ensaio filosófico «La misión del bibliotecario». Quem gosta de números poderá descobrir em De Sola Price ou em Anderla como cresceu a literatura científica desde os tempos de Ortega y Gasset, surgindo, como conseqüência, serviços de resumos, SDI, mecanização e automação no tratamento de dados e coisas hodiernas pelo estilo. Com toda a visão futurista de Ortega, ele não

conseguiu traçar um paralelo maior que aquele que a realidade biblioteconômica de seu tempo lhe impunha: ele viu a biblioteca como uma farmácia, onde os medicamentos estão classificados e todos têm seu público específico e as suas contra-indicações.

Hoje, com a visão propiciada pela Teoria Geral de Sistemas, posterior também ao velho Ortega y Gasset (embora ele seja um de seus predecessores quando em outro de seus ensaios chama a atenção para o perigo de o conhecimento humano atomizar-se em sub-especializações tornando-o vulnerável à manipulação política por falta de uma visão de conjunto), hoje — repetimos — a visão da biblioteca é, pelo menos fisicamente, bem diferente daquela. Se não para todos, pelo menos para uns quantos, a idéia de biblioteca não está mais associada a um **local** determinado e a uma **coleção** de livros e periódicos. Pode até **nem existir** uma tal coleção e limitar-se às obras de referência e até prescindir delas, mediante o apelo às fontes e informações automáticas que permitem localizar, em outros locais, as informações requeridas pelos usuários para solicitação posterior. Apesar da tremenda revolução de métodos e costumes — desde a coleção imóvel até os registros automáticos atuais — duas coisas permanecem imutáveis no processo: a necessidade do leitor de ter acesso à documentação (seja ela do tipo que for) e a necessidade de organizar este material para consulta.

É possível que a próxima década nos traga novos tipos de biblioteca (sob qualquer denominação, se acharem que «biblioteca» nada diz para os homens do futuro). O próprio Ortega y Gasset dizia que sociedade é pragmática e cria, recria e desativa as profissões segundo as conveniências. Não são as leis, nem as campanhas de propaganda que mantêm uma profissão no bom conceito público: é a sua **utilidade**. A grande revolução que se está operando no seio da biblioteconomia nos dias atuais não é a utilização do computador em grande escala, mas a

constatação de que não são os meios mas os fins que justificam a biblioteca. A biblioteca é criada para facilitar o processo de transferência de conhecimentos e não para preservá-los para as gerações vindouras. Os meios de que se vale o bibliotecário para atingir este objetivo são históricos, correspondendo ao avanço de seu meio ambiente, dependem das disponibilidades do momento mas o objetivo será sempre o de servir à comunidade no seu processo de aprimoramento.

Se o bibliotecário vai desaparecer ou já está desaparecendo, não é tão importante. Se os computadores do futuro forem capazes de dialogar com os leitores e dar-lhes as explicações e as informações requeridas sempre haverá, por detrás, aquele que programa o serviço. Chame-se ele bibliotecário, cientista da informação ou programador, pouco importa para o leitor que busca a informação. Ele não está interessado na perpetuação da figura tradicional do bibliotecário, ele busca resposta às suas dúvidas, busca solução para os seus problemas, subsídios para o seu trabalho intelectual.

Nós bibliotecários é que estamos interessados na garantia de nosso ganha-pão. Só vemos uma forma de garantir este privilégio: sendo úteis à sociedade. Organizando os serviços realistas que o meio exige, planejando-os à luz de estudos razoáveis, organizando os acervos a partir de necessidades definidas, aprimorando os mecanismos de prestação de serviços no sentido da satisfação do usuário e do atingimento de custos operacionais compatíveis com as disponibilidades orçamentárias e financeiras.

Já estamos longe daquela assertiva otimista dos bibliotecários norte-americanos do século passado que acreditavam que abrir uma biblioteca é fechar um bar. Ninguém duvida, no entanto, da importância da biblioteca no processo de educação contínua numa sociedade democrática e do valor pedagógico e civilizador que se confunde com a

própria missão do bibliotecário. Mais do que promover esta idéia é necessário demonstrá-la à frente dos serviços bibliotecários. Nem todos têm que trabalhar na função de «referencista» mas onde estão claros os objetivos a atingir (i. é, o atendimento e a satisfação do usuário) é mais fácil a identificação de todos, a articulação das atividades, o atingimento dos fins propostos.

Cecily confessava não ter tempo para reformar o mundo. Dava, no entanto, a seus leitores o instrumento de sua libertação pois informação é, salvo os enganos possíveis, um antídoto à alienação, à ignorância. Num mundo onde a posse do conhecimento estabelece o **status** ou o nível social e econômico, ela sabia até do poder subversivo de sua ação.

Mas a estória tem seu **happy end**: ela casa com o cônsul inglês de Zurique, que era leitor de sua biblioteca, e consta que viveram felizes por todos os tempos adventícios, amém.

Based on Tom Stoppard's play «Travesties», in which the Swiss librarian Cecily furthers the (imagined) investigations of Tristan Tzara, James Joyce, and Lenin, the Librarian's mission is presented as that of an intermediary between information resources and the society which depends on them to ensure its own evolution.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. ANDERLA, Georges **Information in 1985; a forecasting study of information needs and resources**. Paris, OECD, 1975. 131p
2. ORTEGA Y GASSET, José **Mission del bibliotecario y otros ensayos afines**. 2.ed. Madrid, Ediciones de la Revista de Occidente, 1967, p. 59-98.
3. PRICE, Derek J. de Sola **Little science, big science**. New York, Columbia University Press, 1965. 118p.
4. STOPPARD, Tom. **Travesties**. London, Faber and Faber. 1975. 99p.